

## RESENHA

MONDARDO, M. L. **Território de Trânsito**: dos conflitos entre Guarani e Kaiowá, paraguaios e gaúchos à produção de multi e transterritorialidades na fronteira. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2018 (360 p.).

**Rosânia Oliveira do Nascimento**

Universidade de Brasília (UnB)  
rosaniaoliveira01@gmail.com

O presente livro trata-se da versão atualizada da tese de doutorado defendida em 2012 pelo geógrafo Marcos Leandro Mondardo no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (PosGeo/UFF). Atualmente, o autor atua como professor nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD. Nesta mesma instituição, realizou seu mestrado em Geografia. No livro, publicado em 2018, o autor opera uma mudança conceitual e analítica importante em relação ao subtítulo do livro que difere da sua tese; as territorialidades entre paraguaios, “gaúchos” e os povos Guarani e Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul são tomadas como processos de produção de multi/transterritorialidades.

Na Introdução da obra, o autor enfatiza que sua experiência como docente da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Barreiras, Bahia, no lapso temporal entre 2010 a 2012, foi decisiva para modelar suas reflexões teóricas e empíricas sobre as categorias conceituais fronteiras e territórios/territorialidades. Assim, os sujeitos sociais e históricos abordados neste livro também são os interlocutores e protagonistas do fazer político e engajado do docente Marcos Mondardo, não por acaso, o autor adota o critério da conflitualidade fundiária a partir dos marcadores nacionalidade, etnia e classe para apreender as novas territorialidades transfronteiriças em Dourados, Mato Grosso do Sul, e na região de fronteira com o Paraguai.

A pesquisa apresentada no livro tem caráter qualitativo e realizou-se em quatro fases, embora não obedeça uma sequência linear; i) levantamento de estudos acadêmicos e profissionais em instituições diversas em âmbito estadual e nacional; ii) trabalho de campo baseado em etnografia experimental realizada em acampamentos de retomadas indígenas nos municípios de Dourados, Ponta Porã e nas adjacências da fronteira com o Paraguai; iii)

elaboração cartográfica, organização e tratamento dos dados estatísticos, sistematização dos dados coletados em campo e em entrevistas e, por fim, iv) sistematização e elaboração da análise teórica-conceitual.

O livro está organizado em cinco capítulos que, segundo o autor, entremeiam-se aos dois momentos de composição analítica adotada por ele; o primeiro plano que reúne os dois primeiros capítulos compostos por um *corpus* teórico-conceitual; o segundo, apresenta os três últimos capítulos constituídos por uma relação imbricada à empiria-teoria-conceitos. No primeiro capítulo, o autor dedica-se à análise da fronteira como conceito polissêmico, porém, em constante atualização e disputa. O estado do Mato Grosso do Sul é conhecido como o estado das fronteiras geográficas. Afinal, o estado separa-se do Paraguai pelo rio Apa, àquelas decorrentes do seu processo de emancipação política, ocorrida em 1977, que produziu novas fronteiras ambientais, culturais, étnicas, raciais, sociais e, principalmente, territoriais. Desde a década de 1990, frente às novas (e velhas) concepções sobre fronteira, o autor nota que o discurso da globalização neoliberal tem mobilizado tal categoria para assegurar a hegemonia sobre os processos de reconfiguração territorial e fundiária no Brasil. Neste capítulo, observa-se que o autor tem verdadeiro afinco pela tradição da Geografia Política que define fronteira a partir das dimensões econômicas, culturais, simbólicas e políticas. neste caso, percebida espaço-temporalmente como “forma de linha, franja, mancha, ponto, faixa, zona, fluxo e rede” (MONDARDO, 2018, p. 36).

Nas últimas atualizações do conceito fronteira, a atenção se projeta sobre a manifestação política no seu “entremeio” ou “meio”, no entanto, a ciência geográfica interpreta que seja qual for o limite, as dimensões, ou conteúdo, a fronteira será sempre uma produção histórica e política. A predileção do autor é pela concepção defendida por Paul Virilio, que toma a fronteira como *interface*, não somente pela ótica enquadrada da geometria da sua divisão, separação ou limite, mas àquela manifestação na “passagem, na transferência e no trânsito” (MONDARDO, 2018, p 68-69). No capítulo dois, partindo de conceitos dos Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, Mondardo afirma que sua análise segue os pressupostos da descolonização do imaginário geográfico sobre os grupos culturais e sociais analisados neste livro, logo, sua pesquisa baseia-se em aportes produzidos *desde* a América Latina. Assim, suas reflexões sobre os conflitos territoriais no Mato Grosso do Sul refletem o “colonialismo interno” da sociedade moderno-colonial, operado desde a Guerra do

Paraguai à exploração econômica da erva-mate, nos séculos XIX e XX. Esses processos sócio-históricos mobilizaram processos de desterritorialização dos povos indígenas e, por outro lado, ensejaram novos fluxos de migração (nordestinos e sulistas) que, por sua vez, reconfiguram a política colonial incidida sobre a formação das reservas indígenas durante o século XX.

O autor afirma que no imaginário colonial, prevaleceu sobre o Estado, representações depreciativas em relação aos grupos subalternizados (paraguaios, indígenas, camponeses, negros e etc). Em um dos subitens deste capítulo, Mondardo recorre à literatura brasileira como, por exemplo, o modernismo e regionalismo, para pensar os aportes que definem os processos de descolonização do pensamento e práticas sociais pela emergência da transculturação e da antropofagização. A grande contribuição deste capítulo qualifica-se pela organização primorosa do arsenal teórico-conceitual, a título de exemplo, território, territorialidades, identidades e conflitos territoriais oferecidos ao leitor. De fato, a categoria território abrange em seu cerne a polissemia (trans) escalar e multifacetada, porém, percebe-se que muitas vezes o seu uso é esvaziado pelas demais ciências sociais.

No capítulo três, Marcos Mondardo afirma que o estado do Mato Grosso do Sul, historicamente, gestou a sociedade moderna colonial, e “desenvolveu uma biopolítica de ‘contenção territorial’ dos povos indígenas”, paraguaios e quilombolas (MONDARDO, 2018, p. 129). A região do Centro-Oeste concentra a terceira maior população indígena brasileira, ao mesmo tempo, também protagoniza os piores ataques aos direitos humanos e territoriais dos povos indígenas. A consolidação da in-segurança dos subalternizados frente o avanço da fronteira agrícola conforma-se pelos ideais de *progresso* trazidos a partir das décadas de 1970 pela migração “gaúcha”, esta última uma acepção genérica que designa diferentes sulistas como analisado nos capítulos subsequentes. No capítulo quatro, o autor abre com a transposição analítica da máxima da indiana Spivak, acrescenta, em que condições territoriais pode o subalterno se territorializar? Ao cartografar os processos de desterritorialização e reterritorialização indígena em Dourados, o autor destaca que as retomadas, acampamentos, multiterritorialidades são estratégias de resistência política, agenciamento e valorização étnica. Assim, em escalas transversais, observa-se o alcance desde a macropolítica pelas negociações com o Estado ou grupos hegemônicos a micropolítica, esta última observada nas vivências múltiplas e mesclas culturais.

No capítulo cinco, Mondardo analisa a contenção territorial, termo elaborado pelo geógrafo Rogério Haesbaert, imposta pelos fazendeiros, mas que reitera a resistência dos Guarani e Kaiowá em torno da luta pelo *tekoha*. As territorialidades hegemônicas, assim como, as territorialidades engendradas pelos grupos culturais (paraguaios, indígenas e etc), no trânsito transfronteiriço, são interpretadas como processo de multi e transterritorialidades. Percebe-se que o geógrafo elabora um profundo embasamento teórico para apreender as ambiguidades das narrativas dos grupos supracitados; a multiterritorialidade não é apenas privilégio dos fazendeiros, mas tal fenômeno conjuga territórios-zona e territórios-rede em um jogo relacional e (trans) escalar. Dessa forma, os fazendeiros gaúchos vivenciam sua multiterritorialidade pelos vínculos identitários e econômicos que estabelecem nos dois lados da fronteira, entre Brasil e Paraguai, pois usufruem da dupla nacionalidade. O ir e vir dos gaúchos pela fronteira são definidos pelo capital simbólico, cultural e econômico, afinal, eles perpassam a condição fronteiriça para agenciar decisões políticas e firmar alianças para dominar outros grupos culturais.

Por outro lado, os Guarani e Kaiowá também reúnem condições para conjugar “territórios-zona” com “territórios-rede”, embora, estejam em maiores desvantagens sociais e políticas, é claro. A principal diferença em relação às territorialidades hegemônicas é que, no caso indígena, sua experiência e existência histórica e cultural lhe garante o direito legítimo ao território, embora, perceba-se clivagens ou mesclas culturais com outros grupos subalternizados (camponeses, migrantes pobres, paraguaios), nos limites fronteiriços entre os dois países, Brasil e Paraguai. A principal contribuição deste livro, é sua profunda análise teórico-conceitual, combinada aos intensos meses de campo.

Neste livro, destaca-se a densidade em relação às categorias fronteira e território são importantes para mobilizar debates sérios e engajados politicamente, principalmente se conjugados aos aportes desenvolvidos pelos movimentos indígenas. O autor parte dos conflitos e impasses pela demarcação de territórios indígenas, em Mato Grosso do Sul, mas, a sua principal diferença é situar tal reconfiguração territorial à luz de um debate que confirma as estratégias do Estado, e dos fazendeiros “gaúchos” em impor aos povos indígenas “espaços mínimos” ou “microterritórios” (MONDARDO, 2018, p. 293).

Recomenda-se a leitura em diversos campos das ciências humanas, entretanto, uma aproximação com a antropologia seria bem-vinda.

Recebido em 27/06/2020. Aceito para publicação em 29/01/2021.
--